

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: 208

Data: 15/04/75

Pg.: _____

Com festa, Xingu recebe kranhacárores

Dois anos depois de entrarem em contatos regulares com a sociedade nacional, os índios kranhacárores deixaram o lugar onde durante muito tempo se consideraram os únicos habitantes do Universo para viver no Parque Nacional do Xingu. Apenas 79 índios resistiram às doenças e aos efeitos nocivos da estrada que cortou suas terras, mas agora têm um futuro tranquilo assegurado no parque, onde velhos inimigos, como os txucarramães, os receberam com festas e alimentos. A eles está reservada uma aldeia em Iano-top, terra das palmeiras, onde suas mulheres anêmicas poderão procriar. O repórter Danúbio Rodrigues, da Sucursal de Brasília, relata aqui a transferência dos índios.

Em duas canoas puxadas a motores Yamaha doados pela Universidade de Oxford, os kranhacárores partiram do posto Diauarum, abarrotados de porco-do-mato, chamuscado, farinha de mandioca, panelas, enxada, bananas, milho, peixe, goiaba — além de um sorriso triste em cada um deles. Até há poucos meses, eram segundão Claudio Villas-Boas — 135 índios massacrados pela estrada Cuiabá-Santarém, onde ficavam prostituindo as próprias mulheres e filhas, bebendo aguardente, trocando suas deradeiras flechas, sujos, disputando restos de comida.

Desse total, só 79 chegaram ao posto, em três viagens feitas por um só Bufalo da FAB. Haviam sido apanhados lá e viajaram meio amedrontados, segundo um oficial, mas "bastante calmos". A chegada, Rauni, o chefe txucarramãe já os esperava com o seu melhor coçar à cabeça, o cachimbo enfiado no short. Praticamente todos os quatro grupos que habitam o Diauarum estavam à espera: as crianças riam do avião e quando a porta foi aberta, o funcionário Edson, da Funai, não fez por menos; apareceu primeiro que uma mulher de cabeça raspada e barriga inchada, as mãos permanentemente postas sobre os próprios ombros.

— Olhe o xereta aí, querendo aparecer — criticou Claudio — Ficou na porta logo, só para ser filmado.

Quando os chefes se encontraram, o abraço veio forte, embora os braços de Rauni tenham quase que sufocado Salkridi, com seu tapir novo se agarrando ao pescoço. Uma criança correu mata adentro, chorando alto e com medo, mas foi alcançada e levada nos braços por um juruna. Durante todo o dia, a operação-desembarque foi motivo de festa para o posto. Nu da cintura para cima, cabelos brancos, já quase corcunda, Claudio Villas-Boas apenas olhava, relembrando os primeiros contatos que o seu irmão fizera dois anos antes, e as primeiras potências aparecidas na imprensa: seriam gigantes "e brabíssimos". O primeiro encontro, em parte, confirmava isso. Eles atiraram flechas e mostravam-se arredios. Pouco a pouco, no entanto, atraídos pelo canto dos cajabis, foram se aproximando, até que "tudo deu certo".

Na casa-grande do posto Diauarum havia uma grande fogueira: lá estavam a espera dos antigos e ferozes rivais amplas

postas de peixe, batatas-doces, a farinha de mandioca-inansa, frutas, na grelha, o caititu também chamado porco-do-mato, chamuscado com couro e tudo, sem sal. Ninguém pôde entrar, a não ser Rauni, o coordenador-geral, que garantiu a Salkridi, na chegada, por gestos, que jamais voltariam a brigar. Mais tarde, repetiria para os jornalistas:

— Nós agora só briga contra os brancos que fazer estrada para tomar terra da gente. Por isso eu estar muito triste desde que abrem estrada, que isso não ser bom para índio.

O seu beijo-de-pau solta fumaçadas do cachimbo que Orlando lhe deu, e que ele não o larga. Rauni garante que vai explicar aos "irmãos" que são os amigos dos índios. Quando ouve falar no nome do ex-presidente da Funai, general Bandeira de Melo, gagueja (um hábito de toda a tribo quando está enturecida), pois lembra sempre que o general, certa

vez, perguntou se ele não queria operar "esse bodeque" no Hospital das Clínicas de São Paulo. "Orlando não deixa", foi a resposta seca.

Enquanto os kranhacárores comiam, os integrantes das outras tribos residentes no posto — txucarramães, jurunas, cajabis e suiás — corriam de um lado a outro procurando agradá-los com mais comida. Pouco a pouco iam saindo para o terreiro, onde um céu escuro cheio de estrelas — estimulou-os, segundo Villas-Boas, à dança, que durou umas duas horas, todos se misturando (só os homens), abraçados em intensa alegria. Já a essa altura, Rauni passara o seu coçar a Salkridi, que, alto, meio encurvado, o mesmo sorriso, sentara-se encubulado pelo gesto.

— Já acabou. Eles estar cansados e ir dormir. Merece. São nossos irmãos. — dizia Rauni aos jornalistas e as duas equipes médicas, uma da escola Paulista de Medicina e outra do Ministério da Saúde — que examinaram os kranhacárores "com todo carinho e emoção".

Alimentos, solidariedade dos velhos adversários comovidos

Os médicos, após uma série de "rigorosos exames", constataram que o estado geral dos kranhacárores estava "abalado, tanto física quanto psicologicamente". Pudera, acabam de sair de um surto gripal, com um caso de pneumonia grave (uma índia de 29 anos, que mais parecia ter 50). E para mostrar o quanto esses índios estão em decadência, nenhuma mulher grávida, todas carregando uma anemia considerada profunda, todos eles sujos e como que desorientados com as brincadeiras dos outros. Famintos, devoraram tudo e passaram a pedir mais comida. Via-se índio correndo para atendê-los, num gesto de solidariedade dos mais comovedores. Saiu gente para, noite escura, tentar encontrar banana madura pelos arredores — sem resultado. Assim mesmo, traziam cachos verdosos para comprovar. Beberam bastante água e engoliam mal como se fosse refresco. Dezenas de quilos de peixe eram despejados, até alta noite, junto à fogueira, constan-

temente alimentada pela madeira fácil. No primeiro dia, devoraram cinco grandes porcos-do-mato, o iperori mal-assado, sacos de goiaba, fora montes de milho assado, abobora e batata com casca.

No outro dia, pela manhã, alguns já se arriscavam a ir até o rio. Abraçados, em duplas, alguns homens passeavam sorridentes, assombrando vários "brancos" que tinham ouvido falar no homossexualismo dessa tribo. Mas, Claudio não garante nada disso, embora fique bem claro que é uso comum o que poderá parecer um excesso de carinho tanto entre homens como entre mulheres. Quando sentam-se em bandos, é normal um colocar a perna sobre a perna do outro; além de tapinhas no peito do amigo, os rostos bem próximos. Para Claudio, criticar essas atitudes, tentar ver nisso simplesmente homossexualismo sem se aprofundar na cultura "dessa gente, é criminoso e deve ser combatido com vigor". E diz que

vai "às últimas consequências" se aparecer, algum dia, alguma "notícia tendenciosa" nesse sentido.

As crianças recém-chegadas apontavam as outras quando viam costumes não conhecidos antes. Futebol, por exemplo: os garotos do posto Diauarum jogam geralmente no final da tarde ou pouco antes do almoço pelas 11 horas. Os meninos kranhacárores riam ao ver o "espetáculo" e corriam meio assustados quando, por acaso, a bola chegava por perto deles. Estão sempre com espigas de milho nas mãos, mastigando, gostam de sabonete, principalmente as mulheres, embora os dessa tribo não sejam — segundo Rauni — "muito bons de nado" (só agora é que estão se fixando próximo aos rios).

A VIAGEM

Sábado e domingo, após todos os exames, houve necessidade de uma pausa, antes da viagem final até a nova residência: "os médicos esperaram

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: 208

Data: 15/01/75

Pg.: _____

para ver se haveria alguma reação aos remédios e aos exames de sangue, principalmente. Nada aconteceu e todos puderam seguir ontem. A manhã fora igual a todas no Xingu: sol forte, o verde intenso da mata, pássaros, as águas do Rio. As mulheres iam arrumando tudo o que podiam carregar, tanto do que trouxeram antes, como do que receberam aí. As canoas, sempre estacionadas a beira-d'água, a partir do meio-dia passaram a receber uma variada carga de gente, bichos, comida e utensílios tanto domésticos quanto de agricultura.

Já a essa altura havia chegado Orlando Vilas-Boas. As mulheres partem para ele como se fosse um Deus. Puxa o nariz de um, empurra outro, diz que um terceiro está "com os quartos muito grandes, e precisa comer menos". Os índios riem à vontade e pouco a pouco vão chegando com seus presentes: cachos de banana, sacos de goiaba (ou qualquer fruta da estação), afora aros, etc.

Quem visita uma área indígena, sabe como pode ser desagradável olhar demais para as mulheres, principalmente as meninas-moças, ou mesmo as casadas, embora sem qualquer malícia. Pois com Orlando, a situação se inverte: elas o procuram, fazem fila para serem beijadas e abraçadas, puxadas na bochecha, cutucadas levemente no braço ou no nariz. Todo mundo ri e fica satisfeito. Pois, foi ele quem deu início a operação de mudança. Ajeitou os kranhacãrores nos barcos e passou a brincar e a nadar junto a ele, ora tomando uma espiga de um, ora "obrigando" um outro a beijá-lo. Dentro da água, só de short, os fotógrafos pediram para que ele nadasse, "Mas isso não é para o Amaral Neto Reporter, é?"

Essas atitudes descontraíram uma parte dos kranhacãrores, ainda arredia e assustada com tanta mudança em tão pouco tempo. Viam os outros rindo

com Orlando e passaram, pouco a pouco, encabulados, a sorrir também. Só uma criança riu mais a'íto, quando Orlando tirou o bonê e colocou na cabeça do garoto.

Tudo pronto, a saída. Rauni e Claudio postaram-se por último, somente depois que todos se acomodaram. À beira do rio, praticamente todo mundo dava adeus e houve quem chorasse. Uma jovem senhora inglesa não resistiu e chorou. Embora acostumados com a natureza,

os kranhacãrores olhavam para a extensão do rio e para todos os lados; sentados, a maior preocupação de cada um ainda eram as crianças, uma e outra mamando no seio mirrado da mãe anêmica. O sol registrava uma temperatura alta, demasiadamente seca. O percurso de 13 quilômetros, percorridos pela margem, devido a carga, e por motivo de segurança, durou duas horas (a volta, para os que não ficaram, seria de apenas meia hora), em meio a uma beleza natural extraordinária.

Entre palmeiras, nova aldeia

De repente, nuvens pesadas se formaram, logo depois que a caravana passou por uma das centenas de braços do rio. Precedidas de relâmpagos e trovões, as águas passaram a fazer pequenas ondas. Já se avistava o local onde ficariam os kranhacãrores, cujo nome é **Ianaop**, ou terra das palmeiras. A chuva desabou a poucos metros do local de desembarque: as índias trataram de se proteger, e aos alimentos. Saíram todos com dificuldades, que a chuva caía dura e gelada, ensopando sacos de farinha, alagando caldeirões com porco-do-mato; as crianças choravam e tremiam de frio. Saltar das canoas tornou-se complexo: ninguém caiu, mas as ondas obrigavam os homens a segurar os barcos. Claudio Villas-Boas pedia calma, auxiliado por funcionários da Funai: tranquilo, batia nos ombros das índias, fazia gestos. A água continuava a cair, e Rauni consolava, ajudava, metia as botas na lama arrastando material. Por meia-hora, o temporal castigou forte, mas os índios não pararam um instante, em meio a gritos de comando. Homens e mulheres despejavam as mercadorias e procuravam lenha agrupada nos cantos das malocas. Fogo aceso, todos comem, enquanto os que iam concluindo faziam camisas com folhas de bananeira.

Devagar, a chuva foi acabando e os "brancos", além de Rauni e seus companheiros de comitiva de honra, já se despediam dos que iam ficar, com gestos e abraços. Céu outra vez limpo, ele pode acender tranqüilo o seu cachimbo e sorrir feliz. Pensara em chegar

a contar uma lenda para que os kranhacãrores dormissem em paz, sem ter que se preocupar com as onças e os mosquitos, muito mais agressivos que em Diauarum. Do rio Peixoto de Azevedo até ali ainda teria muito que saber dos seus antigos adversários. E ele concluiria a sua missão contando uma história, a de mavutsinim, aquele que foi o primeiro homem da terra: "No começo, somente ele existia, sozinho, sem mulher, sem filhos ou parentes. Um dia, chateou-se e decidiu transformar uma concha em uma esposa, quando a criança nasceu, perguntou a mulher: "É homem ou não?" "Homem", respondeu ela. "Vou levar ele comigo", disse Mavutsinim, e foi embora. A mãe chorou e voltou para a sua aldeia, a lagoa, que se transformou em concha outra vez". Nós — garante Rauni — somos netos do filho de Mavutsinim.

Mas como Rauni poderia contar a história, se não fala ainda a língua dos kranhacãrores?

Ele riu muito e disse que a sua preocupação, agora, é que todos "os índios da natureza" tenham uma língua só, "para lutar contra os brancos maus que querem tomar as nossas terras".